

O lúdico nas práticas de alfabetização - Município de Novo Aripuanã - Am

Ana Maria Pavão Rodrigues¹ | Maria do Rosário Pereira da Silva² | Terezinha de Oliveira Pereira³

Introdução

Novo Aripuanã é um Município do Estado do Amazonas, criado em 1955, pertence à Mesorregião Sul do Estado, na Microrregião do Rio Madeira, com área territorial de 41.191 km², um dos maiores Municípios brasileiros em área territorial.

Diante da realidade Aripuanense, falar da educação em nosso Município nos dias de hoje tornou-se um desafio para todos os que se preocupam com essa área, e, quando se trata do ciclo de alfabetização ainda são muito maiores os problemas, já que nos deparamos com um índice muito alto de crianças que até o final do 2º ciclo do ensino fundamental não estão alfabetizadas e essa situação vem preocupando professores, gestores, pais e todos os envolvidos no processo educacional do Município.

Avanços, no entanto, aconteceram, quando o Ministério da Educação criou o programa denominado, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) para ajudar o “fazer” da alfabetização. Nesses últimos três anos, o programa abriu janelas para tentar avançar juntamente com os professores alfabetizadores que, com um quadro significativo de crianças não alfabetizadas, apresentavam visivelmente seus questionamentos: Que fazer diante dessa situação? Como alfabetizar as crianças até o 3º ano do ciclo?

O futuro incerto que vivemos hoje, que para muitas pessoas pode significar algo preocupante, de risco, pode também ser visto como uma possibilidade ou oportunidade para inovar e tentar, através das reflexões sobre novos conteúdos, um instrumento para uma alfabetização exitosa. No nosso caso, esta última alternativa tornou-se verdade, pois o espírito de mudanças dos professores alfabetizadores com o PNAIC levou-os a descobrir que a qualidade da aprendizagem estava na capacidade da interação, dos estímulos e da curiosidade que os educandos recebem na escola. Esses elementos aos quais deveríamos atentar, enquanto professores alfabetizadores, ao final do programa, fizeram com que produzíssemos um relato de nossas experiências, baseadas nos princípios do PNAIC.

O relato de experiências tem como tema: “Relatos de experiência envolvendo o lúdico nas práticas de alfabetização do Município de Novo Aripuanã”, por ser um tema que se evidenciou com as mudanças em relação à qualidade das práticas pedagógicas em sala de aula no período do curso de formação dos professores alfabetizadores, quando pudemos avaliar as inovações na disposição dos professores a aprender sobre outras áreas além daquela que atuam; ainda: buscando cada vez mais conhecimentos que estão interligados já que a prática de sala de aula requer formação mais ampla para que possamos desenvolver, de forma interdisciplinar e com o uso das tecnologias de formação e comunicação, a aprendizagem através da ludicidade em sala de aula. Diante disto, o objetivo deste trabalho é demonstrar, através dos relatos de experiência, que qualquer conteúdo pode ser passado para o aluno de forma lúdica, fazendo com que estrategicamente a prática em sala de aula contribua para uma aprendizagem significativa e prazerosa dos conteúdos de todas as áreas do conhecimento.

1 - Coordenadora Municipal. E-mail: anapavao58@bol.com.br.

2 - Orientadora de estudo. E-mail: rosaria5487@hotmail.com.

3 - Orientadora de estudo estadual. E-mail: coordaripuaana@seduc.net.

1 Abordagem das práticas pedagógicas

Queremos aqui relatar algumas etapas do trabalho lúdico, quando trabalhamos com as áreas de Linguagem e da Matemática quando estávamos alfabetizando crianças de algumas escolas em nosso Município. Verificamos que com o trabalho lúdico houve um reforço de qualidade da aprendizagem nas salas das escolas, municipais e estaduais do Município, em que trabalhávamos. Mas para que fizéssemos isso, durante o período do curso de formação do PNAIC, refletimos sobre vários temas que envolviam o processo de alfabetização tais como: currículo, planejamento, rotina diária, interdisciplinaridade e outros temas os quais foram de suma importância para que realizássemos revisão das nossas práticas e aprendêssemos como utilizar esses instrumentos, para aplicá-los de forma mais adequada para a transmissão dos conteúdos necessários à alfabetização. Nas escolas estaduais e municipais, tanto da zona urbana como na zona rural do Município, o lúdico teve um papel fundamental no processo de alfabetização dos educandos, haja vista que no final do ano de 2015 a qualidade da aprendizagem nas escolas foi considerada pela gestora e a comunidade escolar de melhor qualidade, embora ainda alguns problemas tivessem ficado sem solução. Nas salas das alfabetizadoras: Joalice Colares Branco e Maria Dilcilene Vale Lemos foi realizado o planejamento do emprego do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) na alfabetização de Matemática (Operações fundamentais), utilizando jogos, para o melhor entendimento dos conteúdos por parte dos alunos.

O primeiro relato relaciona-se à experiência que foi realizada na Escola Estadual Professor Joaquim Canamary Gualberto, na sala de aula da professora alfabetizadora Joalice Branco Colares. O objetivo foi o de promover a aprendizagem da leitura e escrita; para tanto, usamos um jogo o qual foi realizado com rótulos de produtos do dia-a-dia dos alunos, como produtos de supermercado, de alimentação, higiene e limpeza. A professora recortou os rótulos e colocou-os dentro de uma caixa. Em seguida, ela dividiu a turma em dois grupos (meninos e meninas), um sendo adversário do outro. A professora, então, explicou as regras do jogo, e avisou que nenhum aluno do grupo poderia “soprar” a palavra para quem estava na vez durante o jogo; se soprasse o grupo perderia ponto. Os alunos foram colocados em fila. Em cada rodada, um aluno de cada grupo retirava uma ficha e lia a palavra. Quando o aluno acertava dava um passo a frente. Se o aluno errasse ia para o final da fila. A criança que errasse três vezes saía do jogo. Segundo a professora alfabetizadora, esse jogo favoreceu muito o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita e uma das coisas que ela percebeu foi que a partir da interação com os colegas eles iam aprendendo e cumpriam as regras. Cada vez a professora trabalhava as variações do jogo, como: formação de frases com as palavras, separação de sílabas, entre outras. Segundo a professora, o jogo varia muito e vai depender também da criatividade do professor. Essas atividades foram acompanhadas pelos orientadores do Pacto no Município, os quais observaram o desempenho positivo dos alunos.

Outro relato de experiência que nos chamou atenção foi o da professora alfabetizadora Maria Dilcilene Vale Lemos da escola rural São Francisco, em uma das visitas das orientadoras do Pacto ao Município. A professora Maria Dilcilene atuava em uma turma de 15 alunos (multisseriada) e sempre procurava várias formas para realizar as atividades e incentivava para que todos os alunos viessem participar; por isso, sempre que planejava atividades com jogos procurava conteúdos que favorecessem a aprendizagem de todos. Como os alunos apresentavam mais dificuldades em alfabetização em Matemática, utilizava materiais concretos como: sementes de seringa e caroços de tucumã. A experiência relatada teve como objetivo “desenvolver o aprendizado com as operações fundamentais,

promovendo a habilidade de raciocínio lógico”.

Para iniciar a atividade, a professora dividiu a sala em cinco grupos de três alunos; em seguida, cada grupo recortou vinte círculos de papelão (podendo ser de caixa vazia, cartolina ou papel cartão), colocando neles números de 1 a 10, duas vezes. Os círculos eram virados com os números para baixo, podendo ser combinado, anteriormente, o que seria trabalhado (adição, subtração, multiplicação, e divisão). Continuando: cada aluno do grupo, na sua vez, retirava dois círculos e respondia a questão. Se fosse de adição, o aluno deveria somar os dois números; se fosse de multiplicação, ele deveria multiplicar e assim por diante. Caso o aluno acertasse a resposta, ele ficaria com o círculo se errasse deixava o círculo no mesmo lugar. O jogo terminava quando os círculos acabavam e o vencedor ou vencedores seriam os alunos que conseguissem o maior número de círculos. Para os alunos de 1º e 2º ano, a professora pedia para usarem o caroço de tucumã ou de seringa, para demonstrar as operações, e, assim, com várias atividades lúdicas percebemos que os alunos avançavam, ficavam mais interessados em aprender as operações matemáticas. Diante dessa realidade, até os gestores das escolas, que antes do PNAIC achavam que o jogo era apenas passatempo em sala de aula, agora passavam a demonstrar mais interesse quando os professores realizam tais atividades. Com isso, não queremos dizer que todo dia seriam realizadas atividades com jogos, mas é interessante que pelo menos uma vez por semana fosse planejado uma atividade lúdica em sala de aula. Acreditamos que a aprendizagem é bem mais significativa e os alunos demonstrarão prazer em aprender o conteúdo brincando.

2 Aspectos teórico-conceituais das práticas de alfabetização

Ao tratarmos do processo de alfabetização, entendemos que ele é permeado por sua natureza complexa, por muitos fatores como os sociais e econômicos, entre outros. Discordamos, portanto, da ideia de que aprender a ler e a escrever signifique apenas adquirir um instrumento para futura obtenção de conhecimentos; dessa forma, podemos pensar que a escrita seja somente um instrumento de poder, mas também de instrumento para outras metas a serem alcançadas para a sociedade. No processo pedagógico não se pode ensinar a escrita como se houvesse neutralidade, a escolha dos textos, das situações vivenciadas, pode ser feito de modo a considerar que podem ajudar as crianças a desenvolverem atitudes críticas.

A alfabetização, desse modo, pode possibilitar o engajamento das crianças em processo de interação, em que elas sejam protagonistas e possam agir para a transformação de suas próprias vidas. (CRUZ; ALBUQUERQUE, 2012, p. 13).

Alfabetizar e letrar

Durante todo trajeto do curso de formação PNAIC, fomos refletindo passo a passo em relação aos conteúdos que tinham relação com a alfabetização. Diante disto, analisaremos aqueles em que os professores tinham mais dificuldades; além disso, esboçaremos considerações sobre a importância da ludicidade para o processo de alfabetização, como entender e como aplicar esses conteúdos na realidade da sala de aula com os alunos.

O que podemos observar em relação aos muitos professores que atuavam em salas de alfabetização é que eles contavam apenas com o conhecimento de sua graduação, e, que há muito tempo, não participavam de curso de formação. O último que eles tiveram foi o do pró-letramento e alguns ainda não atuavam como professores alfabetizadores; a maioria dos professores trabalhava com as antigas práticas do “ba, be, bi, bo, bu”; não faziam contextualização dos conteúdos com a realidade dos alunos; não sabiam a diferença de um alfabetizado letrado para um não letrado, e, muito menos as práticas de leitura e escrita. As práticas sociais eram deixadas de lado; na verdade não tinham essa experiência. Quanto às práticas pedagógicas, na maioria das vezes, eles tinham somente a preocupação em oferecer aos alunos conceitos e regras prontas, centradas em automatismo e reproduções mecânicas baseadas apenas na capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons; e, quanto à escrita, davam instruções aos alunos para que eles passassem a ter capacidade de decodificar os sons da fala e transformá-los em sinais gráficos. Essa prática não consta mais dos princípios da alfabetização de hoje, pois as crianças chegam cheias de informações, convivem com novas tecnologias e estão com maior número de informações.

Progressivamente, o termo ‘alfabetização’ passou a designar um processo não apenas de ensinar e aprender as habilidades de codificação e decodificação de sinais, mas também de apoderar-se dos domínios do conhecimento que permitem o uso de novas habilidades para trabalhar as práticas sociais de leitura e escrita e isso ficou bem claro para os alfabetizadores que fizeram o curso de formação do PNAIC, passando eles a entender a diferença entre alfabetização e letramento.

Dentro dessas considerações, para Batista (2005), o processo de alfabetização não vem a se constituir mais em simples ensinamento de fazer com que os alunos façam correspondência entre grafemas e fonemas, ou ainda, fazer com que os alunos saibam realizar uma simples codificação e decodificação de sinais, mas ter em mente que alfabetização é um processo caracterizado pela percepção de que as crianças necessitam do domínio da realidade em que vivem, para que elas possam ter habilidade para realizar a leitura e a escrita, na perspectiva do letramento.

Figura 1 - Professora trabalhando formas geométricas utilizando jujuba e palito de dente



Fonte: As Autoras (2016).

Baseados na concepção de Batista, acreditamos que ficou bem clara a diferença de alfabetizar e letrar para os docentes que atuaram no curso de formação. Agora, eles têm certeza de que, além de alfabetizar temos que letrar as nossas crianças. Embora a maioria dos discentes aripuanenses, que são atendidos pelas redes públicas de ensino em sua experiência pré e extraescolares, tenha mais acesso à escrita e desconheça muitas de suas manifestações e utilidades, por isso é importante que a escola, pela mediação do professor, proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros e suportes de textos escritos, possibilitando a habilidade de vivência e conhecimento. Dentro desses pressupostos, a partir do 1º ano do curso de formação, quando foram trabalhados os conteúdos de linguagem, já foi possível perceber algumas mudanças na qualidade do ensino nas escolas municipais e estaduais no ano de 2014, sobretudo no ciclo de alfabetização, pois os professores passaram a ter outros conhecimentos sobre qual a diferença entre alfabetização e letramento e foram capazes de refletir suas práticas sobre os conteúdos de linguagem em sala de aula; esse foi um fator fundamental que o PNAIC nos legou. Isto, no entanto, não implicou que todos os professores viessem aceitar os princípios constantes no PNAIC, mas podemos perceber que a maioria aceitou, fazendo com que começássemos a pensar que mudanças poderão acontecer e assim confiamos que nossos alunos poderão ser letrados e capazes de refletir sobre o mundo em que vivem.

Mas, para tanto, segundo Batista (2005), é preciso que os professores se envolvam com o espírito do letramento e considerem antes quem serão os seus discentes, para que saibam como trabalhar com eles, respeitando as suas condições, as quais deverão ser buscadas para que a boa qualidade aconteça em relação ao letramento.

Diante disso, nossos educadores compreenderam que a alfabetização depende do comprometimento de todos os envolvidos no processo e que essa possibilidade não está longe do nosso alcance, se a princípio pensarmos em fazermos um ensino com qualidade.

Planejamento, uma rota a percorrermos para alfabetizar com qualidade

Sabemos que toda ação na nossa vida precisa ser planejada para que alcancemos os nossos objetivos, e no programa de alfabetização, que os membros do PNAIC nos apresentaram, o ato de planejar é um fator principal para que a alfabetização se concretize em sala de aula.

Veja o destaque que dá o livro do PNAIC:

Precisamos planejar para fazermos escolhas coerentes e organizar nossas rotinas, ter nossos objetivos delimitados, saber onde queremos chegar e o que precisamos ensinar aos nossos alunos. Para tanto é necessário termos uma visão do processo mais amplo de aprendizado que será desenvolvido durante todo o ano letivo, mas também no processo micro, revelado por meio de um planejamento mais pontual marcado por intervalos de tempo. (BRASIL, 2012, p. 7).

Isso quer dizer que os docentes precisam se organizar, saber o que vai ser ensinado durante o ano, e, a partir daí, planejar sua rotina diária buscando atingir todos os eixos do processo de alfabetização e letramento.

Durante as visitas das orientadoras de estudo foi possível observar que nossos professores planejavam aleatoriamente, não tinham um rumo a seguir nem sabiam bem o que precisava ter destaque na hora do planejamento. A partir do PNAIC, principalmente na área da Linguagem, os professores passaram a saber que os eixos da alfabetização precisavam ser planejados de forma adequada, ou seja, calcados em teorias. Sobre isso, veja o que declarou a professora alfabetizadora da escola municipal Centro Infantil Nossa Senhora de Lourdes no primeiro seminário do Pacto do Município de Novo Aripuanã: “Antes do PNAIC planejávamos mais pelos livros didáticos, seguíamos as unidades do livro; hoje não, aprendemos que na alfabetização são os eixos que precisam ser planejados para atingirmos os objetivos de ensinar a ler e escrever. Hoje, tanto minha prática quanto o planejamento são baseados no PNAIC. Ele foi um curso de formação que nos ajudou muito”.

Dentro da primeira realidade, considerada na fala da professora, era o que acontecia com a maioria dos professores. Nesse caso, o planejamento escolar era sempre observado pelos gestores ou pelo apoio pedagógico já que a maioria das escolas estaduais e municipais não dispunha de pedagogos para observarem esse processo e, assim, seguiam apenas as ordens de fazer um “planejamento” e apresentá-lo a quem se devia entregar. Nesse processo não se cobrava, necessariamente, do professor a prática, ou seja, não havia quem observasse se ele estava sendo aplicado na sala e se o conteúdo que estava no plano era transmitido aos alunos.

Nas escolas estaduais, os professores trabalhavam o planejamento anual, por série; esses não englobavam um planejamento do ciclo de alfabetização e isso se constituía em uma das dificuldades para os professores que não planejavam estrategicamente os eixos mais importantes para a alfabetização. Com isso, não queremos dizer que nossos educadores não planejavam a leitura, a escrita, a oralidade e o emprego do SEA; eles planejavam, mas não com os conhecimentos sobre cada um dos eixos e como colocá-los no plano diário, elaborando de forma que cada um se destacasse para que os objetivos a serem alcançados fossem observados, dando, assim, direito de aprendizagem a todas as crianças.

Acreditamos nas mudanças no ato de planejar dos professores alfabetizadores aripuanenses, pois cabe a cada um o compromisso de colocar em prática o que aprendeu no curso de formação do PNAIC. Não podemos negar que os materiais do curso e a apresentação dos temas foram elementos riquíssimos para o nosso fazer em nossa profissão, possibilitando que qualquer dificuldade que se apresente seja possível de ser sanada ao rever as teorias neles presentes a fim de que possamos relembrar os conhecimentos que

foram construídos sobre o ato de planejar e assim possamos, com a escola, cobrar dos professores um bom planejamento para ser aplicado em sala de aula.

Uma nova forma de pensar o trabalho pedagógico é pensar também na rotina diária. Ela deve estar constituída, também, em um planejamento, por ser muito importante para a organização das atividades a serem realizadas nas escolas. É nessa rotina que o professor vai estipular os horários de cada atividade, levando em consideração o ritmo de aprendizagem de seus alunos tomando como referência as práticas sociais/culturais dos sujeitos envolvidos, suas experiências e conhecimentos. No que diz respeito às rotinas, elas são tão importantes que é necessário, ao planejar, solicitar opiniões sobre as mesmas aos alunos, para que elas não venham perturbar as práticas pedagógicas, podendo ajudar-se mutuamente.

Como podemos perceber é possível organizar uma rotina voltada para reflexão constante sobre a prática pedagógica em sala de aula e essa proposta de planejamento foi bem refletida no curso do PNAIC, propiciando teorias significativas para atuação dos professores com tais práticas. Com isso acreditamos numa melhor qualidade da aprendizagem a partir do curso.

2.3 A importância do lúdico e os avanços na aprendizagem nas escolas públicas estaduais e municipais do Município de Novo Aripuanã

Durante os três anos do curso de formação do PNAIC, em todas as áreas do conhecimento a serem observadas no letramento, foi possível que realizássemos, a partir daí, um estudo sobre a importância do lúdico como um dos procedimentos que favorecem a aprendizagem.

O brincar constitui-se em uma forma importantíssima na formação da criança, além de ser uma atividade espontânea, natural. O jogo é necessário para o desenvolvimento e aprendemos que com ele, a criança pode vir a se encontrar dentro de sua própria realidade. A realidade da criança tem conteúdo, com uma simbologia própria e é através desses elementos que ela é capaz de construir o seu próprio mundo, inter-relacionando-o ao mundo do outro. Para facilitar essa relação é necessário que ela se valha por vezes de atividades lúdicas.

Com essas atividades, podemos perceber avanços no que diz respeito à aprendizagem. Antes havia uma resistência por parte dos gestores das escolas, pois eles não acreditavam nessa prática. Mas, a partir do PNAIC, em muitas das visitas dos orientadores de estudo até nossas escolas, houve reclamação por parte desses orientadores da falta de ludicidade no processo de ensino/aprendizagem. Os professores, diante disso, passaram a reclamar que não utilizavam atividades com jogo por perceberem que os gestores não gostavam, pois pensavam que os professores estavam “enrolando” para passar o tempo e isso às vezes os incomodava, ficando eles com receio de planejar as atividades lúdicas.

Ainda: no primeiro seminário do PNAIC, no Município, houve várias apresentações dos professores utilizando a ludicidade, quando os mesmos colocaram suas dificuldades para trabalhar essa prática, e a partir daí sempre que os orientadores acompanhavam o planejamento conversavam com os gestores, colocando que pelo menos uma vez por semana fossem planejadas tais atividades, e assim os gestores foram mudando suas ideias. Isso favoreceu a prática de muitos professores nas escolas do nosso município, principalmente a partir dessas considerações.

A ludicidade nos estimula no sentido de desenvolvermos diferentes habilidades nos campos da expressão (oral, corporal etc. e da criatividade). Livres para criar é brincando que as crianças traduzem seu universo e significam jogos e brincadeiras, redescobrimo letras e fonemas (re) escrevendo histórias que retratam vidas. Leal et al (2012) citando Luckesi (2000 apud GRILO, 2002) afirmam que o lúdico vai além do jogar ou brincar, mas poderia ser entendido como aquilo que é feito de forma espontânea ou livre e sobretudo que resulta numa experiência de plenitude alegre e agradável. (BRASIL, 2012, p. 11).

Figura 2 - Professora trabalhando jogos com tangran e dominó da tabuada



Fonte: As Autoras (2016).

Sob esse entendimento é que muitos professores começaram a atuar com essa prática, percebendo que esse processo poderia ser um aliado no avanço da aprendizagem dos alunos. Tal como podemos perceber no depoimento da professora Irineide Ribeiro de Albuquerque da Escola Estadual Professor Francisco Sá: “Antes desses conhecimentos sobre o lúdico eu não gostava de planejar essa prática, primeiro porque tumultuava muito a sala e também achava cansativo porque os alunos não obedeciam às regras e gerava muita indisciplina na sala. Então, percebi a importância dessa prática e comecei a trabalhar uma vez por semana e foi dando certo. Agora, meus alunos criam aquela expectativa sobre o que será trabalhado e qual jogo será realizado, e, a partir daí, comecei a perceber que meus alunos tiveram um grande avanço, principalmente nas operações fundamentais”.

Vale ressaltar que valeu a pena esta reflexão sobre a ludicidade em sala de aula; hoje, não é mais novidade chegarmos às escolas e percebermos que o professor está trabalhando suas atividades com jogos, principalmente os do ciclo de alfabetização. Através

dessa prática todas as escolas, tanto estaduais como municipais, apresentam avanços no índice do SADEAM e SAEB, e o que mais nos surpreendeu é que a maioria dos professores reconheceu que esses avanços devem-se ao curso de formação do PNAIC que proporcionou essas reflexões as quais há muito tempo não dávamos importância. Ainda dentro dessas considerações, é importante colocar que:

Compreendendo que a criança é um ser ativo e que a aprendizagem da leitura e da escrita são processos que envolvem processos mentais, ressaltamos que, nas situações em que as crianças estão jogando, o professor assume um papel preponderante não só por intermediar as trocas entre as crianças, mas, principalmente, por potencializar os conflitos. Trata-se de relacionar a qualidade de aprendizagem com a qualidade de mediação docente. (BRASIL, 2012b, p. 35).

Partindo dessa compreensão é preciso que os professores assumam o papel de mediadores nessas atividades, pois devem ser bem planejadas para que não se tornem em uma simples atividade de jogar por jogar, mas que ela deve ser pensada como uma atividade com jogos a qual deve ser norteada sempre por objetivos a serem alcançados pelos alunos.

Podemos destacar também o uso dos jogos no ensino da Matemática, que muito avançou nestes últimos dois anos em nosso Município. Antes do PNAIC, nossas escolas apresentavam um índice significativo de crianças até o 5º ano do ensino fundamental que não tinham o domínio das operações fundamentais, e sentiam muita dificuldade para atuar na interpretação e resolução de problemas; assim, no 2º ano do PNAIC, no qual foi trabalhada a alfabetização matemática, os professores alfabetizadores fizeram uma reflexão sobre os eixos norteadores da alfabetização matemática, como: trabalhar o sistema de numeração decimal; contagem, geometria, estatística; as operações fundamentais; como trabalhar a resolução de problemas desde o primeiro ano do ciclo. Para resolver esses problemas e outros não nomeados uma prática interessante foi construída no curso; para tanto, a concebemos com vários temas: estatística e probabilidade; prática da combinatória e assuntos que não eram introduzidos nas séries iniciais do ensino fundamental. Todos esses conteúdos foram pertinentes para a aprendizagem dos professores que hoje sabem como lidar com os eixos da alfabetização matemática e como consolidar esses conteúdos no ciclo de alfabetização.

Ainda fazendo considerações sobre o trajeto de nossa reciclagem relacionada à como realizar com eficiência o ensino da Matemática, segundo as teorias do PNAIC, aprendemos que quando as aulas eram planejadas, delas deveriam constar atividades com ludicidade, ou ainda, qualquer assunto matemático deveria ser planejado, prevendo a utilização de jogos. Isto fez com os professores passassem pesquisar como planejar suas aulas relacionadas à Matemática utilizando-se de jogos. Dessa maneira aprenderam várias técnicas para a utilização dos jogos e como os alunos aprendiam através das brincadeiras realizadas em sala de aula, tomando por base o caderno do PNAIC relacionado a essa disciplina.

Sobre jogos, o caderno coloca que eles podem nos auxiliar em diferentes etapas do processo de alfabetização. Destacamos entre essas etapas as propriedades no sistema de escrita, a reflexão fonológica, a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), os conteúdos de Matemática nas quais os jogos podem ser utilizados.

Depois de termos consciência da necessidade da ludicidade para o processo de ensino/aprendizagem surgiu uma questão: Em que etapa do processo da alfabetização os jogos podem nos ajudar, se quisermos ter um ensino lúdico - desafiador e construtivo? Fazendo reflexões a respeito desta questão, chegamos à conclusão que os jogos só devem ser usados após termos conhecimento da bagagem cultural dos alunos, e, a partir daí, podemos começar a planejar as estratégias de atividades as quais possamos acrescentar ao processo de ensino/aprendizagem. Isto vale para Linguagem, para Matemática, como para qualquer outra área de conhecimento.

Outra questão que merece destaque é a necessidade da “integração” entre diferentes componentes curriculares, sendo essa considerada por diferentes autores.

Corsino (2007, p. 59) afirma que [...] é importante que o trabalho pedagógico com as crianças de seis anos de idade, nos anos/séries iniciais do ensino fundamental, garanta o estudo articulado das Ciências Sociais, das Ciências Naturais, das Noções Lógico-Matemáticas e das Linguagens'. (BRASIL, 2015, p. 19).

Nestes termos, o ensino de Ciências Humanas e da Natureza está ligado ao processo do letramento, considerando a Linguagem, a Matemática, a Arte, e possibilitando mobilizar a curiosidade das crianças lendo, escrevendo, procurando novas informações, estabelecendo novas relações com o seu cotidiano, interagindo de uma maneira mais ativa nas práticas da investigação científica; fazendo, com isto, novas observações, pesquisas, registros de dados, levantamento de hipóteses e experimentação. Estes são meios para que os alunos possam descobrir questões problematizadoras, exploratórias. Nesta fase de aprendizagem em que as crianças estão em processo de alfabetização é importante que o professor crie oportunidades para que todas participem das atividades propostas em sala de aula, para que elas possam fazer integração dos conteúdos das disciplinas, em especial com a realidade que as circunda.

Os professores que atuam nas séries iniciais, além de entender que é preciso fazer esta relação entre os componentes curriculares e o processo de alfabetização têm que se preocupar com que as crianças passem a estar conscientes dessa relação e passem estar em consonância com o cuidar do ambiente em que vivem, pois ele é importante para o nosso viver.

Ainda dentro dessa perspectiva da relação interdisciplinar, anteriormente mencionada, ainda tem a disciplina de Arte, a qual, às vezes, os professores não dão a menor importância, mas que através do programa do PNAIC ficou claro a sua relevância para o desenvolvimento do ser humano. Ela deve ser trabalhada na escola, e o professor deve explorá-la considerando as diversas linguagens artísticas dentro de uma perspectiva crítica e sistemática dos conteúdos curriculares, para que se possa proporcionar o avanço de forma qualitativa no conhecer relativo à arte; consequentemente, isto pode abrir espaço para outras formas de ler o mundo, de compreender a si mesmo e de compreender os outros.

Conforme Brasil (2015a, s.p., caderno 6):

[...] a arte é de fundamental importância não só para as crianças, quando do ciclo da alfabetização, mas também para os professores, pois estes, com o conhecimento da disciplina e a integração que ele possa fazer com outras disciplinas, pode vir a rever suas práticas docentes, dando a elas um tom estético.

Ainda fazendo considerações sobre a questão da Arte e a relação que ela deve ter com outras ciências, o livro do PNAIC (BRASIL, 2015a), fazendo considerações sobre a arte no ciclo de alfabetização, coloca que as crianças ao conviverem com experiências artísticas passam a viverem diferentes experiências, possibilitando criar outros objetos artísticos.

Desse modo, os professores que trabalham com essa disciplina têm que ser criativos para demonstrar cada linguagem artística e planejá-las de forma coerente para que os alunos possam vivenciar, na escola, atividades que envolvam expressões artísticas e tenham consciência da importância dessa disciplina para a vida.

Considerações sobre a experiência pedagógica no processo de alfabetização interdisciplinar

Há muito que a interdisciplinaridade vem sendo pauta de reflexões pelos docentes que procuram aprofundar seus conhecimentos; sabemos que esta é uma pauta que sempre exigiu dos professores incorporação desse termo quando falam sobre suas práticas pedagógicas, mas nem todos educadores sabem lidar com a complexidade que permeia o tema.

No PNAIC, este tema foi bem aprofundado. Os professores que nos acompanharam durante todo o curso se utilizaram da prática da reflexividade para debater e trabalhar essa prática em sala de aula, buscando explicar, cada vez mais, como devia ser utilizada, relacionando-a com os conteúdos das disciplinas a serem consideradas para a alfabetização.

A maioria dos professores até que conhecia a interdisciplinaridade, mas colocá-la em prática, para eles, era bem diferente. Daí a pergunta: Como trabalhar esse conceito, aplicando-o aos conteúdos sem fragmentá-los, já que a maior parte dos educadores passou sua vida estudantil convivendo com a fragmentação dos conhecimentos?

A partir do curso de formação, os professores começaram a entender melhor a necessidade de um trabalho interdisciplinar que favorecesse o processo de alfabetizar, letrando. O que os orientadores de estudo percebiam, quando realizavam as visitas nas escolas, era que os professores até demonstravam ter conhecimento sobre a interdisciplinaridade, mas tinham muita dificuldade no “como fazer”. Mas a partir do 2º ano do curso, os docentes foram apresentando mudanças de atitude nesse aspecto, isso porque eles passaram a sair da zona de conforto, comprometendo-se com essa prática. Isto é o que nos explica o caderno 3 do PNAIC quando nos ensina que a interdisciplinaridade exige do professor vontade e compromisso, para que as disciplinas venham a se integrar e provocar uma aprendizagem mais significativa.

Isso quer dizer que, trabalhar a interdisciplinaridade exige o comprometimento do professor; e, assim, acreditamos que as mudanças de atitude para o trabalho interdisciplinar chegará às salas de aula, integrando todas as dimensões do ensino.

Outra prática pedagógica que vem sendo aprofundada a partir do PNAIC é o trabalho com projetos e sequência didática. Essas práticas de ensino além de envolver o aspecto interdisciplinar exigem uma organização conscienciosa do trabalho pedagógico para que sejam colocadas em prática.

Para trabalhar com projetos e sequências didáticas, os professores têm que pensar nos temas a serem estudados, definir as metodologias relacionadas às diversas áreas do conhecimento, articulando-as e colocando em destaque o papel dos diversos eixos da língua, tais como: análise linguística, oralidade, leitura, escrita, entre outros, dentro de uma perspectiva de letramento o que vem a se constituir, assim, um grande desafio para o

professor. Como grande parte dos professores ainda não se adaptou a essas práticas, poucas escolas trabalhavam com essa estratégia. No entanto, é bom ressaltar que no último ano da formação esse tema foi bem discutido junto aos professores, e, como trabalho final do curso, os professores planejaram e realizaram vários projetos e sequências didáticas no intuito de no-fazer-fazendo pudessem ter mais habilidade nessa prática.

Esse enfoque, conforme sugere Benjamim citado por Corsino, ‘coloca-nos num lugar estratégico porque cabe a nós professores, planejar, propor e coordenar atividades significativas e desafiadoras, capazes de impulsionar o desenvolvimento das crianças e de ampliar as suas experiências e práticas socioculturais’. (BRASIL, 2012c, p. 10).

Diante disso, o desafio de alfabetizar letrando está posto nas escolas aripuanenses. Sendo assim é hora de concretizar as práticas construídas no curso de formação do PNAIC, mas isto vai depender do compromisso de cada educador que for capaz de inovar, de mudar com o conhecimento que foi lançado para os professores, pois sabemos que os desafios só estão começando, mas a semente foi plantada e acreditamos que dará frutos, sobretudo se os educadores, após esses três anos, forem capazes de adquirir habilidades e competências específicas para trabalhar nessa nova proposta de alfabetização, o letramento. Há que se ressaltar que a alfabetização e o letramento têm naturezas diferenciadas, mas os processos a eles correspondentes têm interdependência e indissociabilidade, necessitando, tanto em uma como no outro, que haja desenvolvimento de habilidades e competências as quais devem ser dominadas pelos alunos.

Levando em conta essas considerações é interessante destacarmos que a busca de informações sobre projetos e sequências didáticas vem crescendo por parte de nossos educadores; isto é importante. Dessa maneira há necessidade que eles sejam discutidos, e que as informações adquiridas sejam aproveitadas para que haja inovação na prática da sala de aula. Para tanto, há necessidade que os professores passem a planejar suas atividades de forma adequada aos princípios do PNAIC, por exemplo, e que elas sejam passíveis de serem usadas para que os conteúdos possam transmitir de forma significativa, beneficiando a tarefa de construir conhecimentos e fazendo com que nossas crianças se tornem cidadãos não só alfabetizados, mas letrados.

Referências

AMAZONAS. NOVO ARIPUANÃ. Seminário do Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa. Ano I. Novo Aripuanã. PNAIC em AÇÃO: **Construindo e compartilhando saberes e experiências de alfabetização no Município de Novo Aripuanã**. Novo Aripuanã: E.E. Francisco Sá, 20

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et.al. **Capacidades da alfabetização**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa. **A arte no ciclo de alfabetização**. Caderno 06/Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional- Brasília: MEC, SEB, 2015a.

_____. _____. **Brincando na escola: o lúdico nas escolas do Campo: Educação do campo**. Unidade 4. Brasília: MEC, SEB, 2012b.

_____. _____. **Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno 3. Brasília: MEC, SEB, 2015.

_____. _____. **Planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa**. Ano 1, unidade 2. Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. _____. **Planejando a alfabetização: integrando diferentes áreas do conhecimento**. Projetos Didáticos e Sequências Didáticas. Ano 1, unidade 6. Brasília: MEC, 2012c.

_____. _____. **Projetos didáticos e Sequências didáticas na educação do campo: alfabetização nas diferentes áreas de conhecimento escolar: Educação do Campo**. Unidade 6. Brasília: MEC, SEB, 2012 a.

CRUZ, Magno do Carmo Silva; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. A complexidade de aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética: ampliação do tempo para a consolidação da leitura e da escrita pela criança. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano II: unidade 1**. Brasília: MEC, 2012.

